

OLIVEIRA, J. A. . Trilhas Atalhos: As Cidades Amazônicas no Final do Século XX. In: Cláudia Lima Esteves Alves. (Org.). Formação do Espaço Amazônica e as Relações Fronteiriças. 1ed.Boa Vista: Universidade Federal de Roraima, 1998, v. 1, p. 1-27.

FORMAÇÃO DO ESPAÇO AMAZÔNICO

E

RELAÇÕES FRONTEIRIÇAS



a.1c

.703

Claudia Lima Esteves Alves
Organizadora

**FORMAÇÃO DO ESPAÇO AMAZÔNICO
E
RELAÇÕES FRONTEIRIÇAS**

Prof. Claudia Lima Esteves Alves
Organizadora

Realização CCSG - UFRR
Apoio Financeiro CAPES/MEC

Boa Vista - RR
jan. 1998

FORMAÇÃO DO ESPAÇO AMAZÔNICO E RELAÇÕES FRONTEIRIÇAS

Seminário organizado e coordenado pelo Curso de Especialização em Relações Fronteiriças do Centro de Ciências Sociais e Geociências da Universidade Federal de Roraima, com apoio financeiro da CAPES, no período de outubro a dezembro de 1997.

CAPA - Coletânea de fotos (da direita para esquerda de cima para baixo)
Kama meru - Gran Sabana (Venezuela); Monumento Fronteira Brasil/Venezuela BR-174; Vista parcial de Georgetown (Guyana); Rio Ezequibo (Guyana); BR-174 em construção, Região do Mau (Norte de Roraima). Fotos gentilmente cedidas por Shyrlaine Rodrigues, Luis Carlos e Claudia Alves. Montagem em Scan Genius por Idiene Queiroz.

Arte Final - Idiene Queiroz / Claudia Alves
Composição e Fotolitos - Luis Carlos Sousa
Impressão - Gráfica Boavistense Ltda.

Curso de Especialização em Relações Fronteiriças.
Centro de Ciências Sociais e Geociências - U.F.R.R.
Campus do Paricarana, Bloco D. Boa Vista - Roraima.
Tel. / Fax (095) 623-9072

SUMÁRIO

Apresentação Claudia Lima Esteves Alves	05
Horogênese das Fronteiras Amazônicas Demétrio Magnoli	09
Trilhas e Atalhos: As cidades Amazônicas no final do século XX José Aldemir de Oliveira	27
Mulheres Indígenas Roraimenses: Organização política, impasses e perspectivas. Lígia T. L. Simonian	47
Geografia do Turismo: Contexto, conceito e práticas Nilson Crôcia de Barros	92
Mercosul Moacyr Bittencourt	111
Corte Criminal Internacional: Consagração da pessoa humana como sujeito de direito internacional ou manutenção do "status quo" das Nações Unidas ? Tarciso Dal Maso Jardim	126
A evolução da fronteira em Roraima: o caso das Confianças I, II e III. Alexandre Diniz	150
Roraima: Geopolítica e Universidade Cleber Batalha Franklin	180

*Este livro,
forma de p
realizados
durante o
Relações ;
em Relaçã
e Geociênci
Tal evento,
através do
em Relaçã
desta coletã
Universida*

Políticas Públicas na Amazônia Brasileira

Zilene D. de Lucena Pinho

Populações Tradicionais e as políticas públicas para a Amazônia: Os Waimiri - Atroari e a BR 174.

Maria Conceição de S. Barros Escobar

O Índio e o Urbano

Leila Maria Camargo

A valorização do trabalho feminino

Carmem Lúcia Rosa da Silva

Globalização e a Amazônia

Márcia Cristina Veloso L. M. Lira

Exploração do Turismo em Roraima

Edlamar Oliveira Santos

A viabilidade da atividade turística explorada pelos indígenas de Roraima.

Shyrlaine de Fátima Rodrigues

TRILHAS E ATALHOS: AS CIDADES AMAZÔNICAS NO FINAL DO SÉCULO XX *

José Aldemir de Oliveira**

INTRODUÇÃO

Ao analisar as modificações ocorridas nas cidades da Amazônia e no período recente como elas inserem-se na escala global, poderia escolher vários caminhos. Escolho um que não é necessariamente o correto, mas a tentativa de um novo olhar sobre as cidades amazônicas, qual seja, considerá-las como parte de um processo amplo de articulação global e ao mesmo tempo como especificidades e contraponto a esse processo.

De início dois aspectos são relevantes:

Primeiro, o fato de que há uma tendência tanto na academia quanto nos movimentos sociais de ao se falar sobre a Amazônia, quase sempre privilegiar-se a natureza e o que genericamente poderíamos chamar de Amazônia Oficial, ou seja, a Amazônia dos Grandes Projetos.

* Este texto foi elaborado a partir do roteiro de duas palestras proferidas na Universidade Federal de Roraima como parte do "Curso de Especialização em Relações Fronteiriças", no período de 30/10 a 01/11/1997.

** Prof. Dr. Adjunto do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Amazonas.

Essas abordagens, embora importantes, são limitadas. Na primeira, considerar o território apenas do ponto de vista da natureza, tornando-o inócuo, vazio, esquecendo-se as relações sociais que o constroem, o destróem, o inventam e o reconstróem num processo que pressupõe conflitos, contradições e lutas dos sujeitos. Na segunda, é preciso reconhecer que o processo de transformação ocorrido na Região determinou novos significados para as cidades. No entanto, parte considerável da Amazônia não foi atingida por este processo, o que não quer dizer que não seja influenciada por ele e essa Amazônia tem que ser considerada e explicada, pois do ponto de vista da espacialidade ela pode ser a possibilidade da inserção da Amazônia para além da subalternidade.

O segundo aspecto refere-se às taxas de crescimento da população urbana da Amazônia (Região Norte) que na última década foi superior à média nacional. Todavia, o grau de urbanização, apesar de elevado, ainda é o menor do Brasil com 58,2%. Este percentual está desigualmente distribuído, concentrando a maioria da população nas cidades capitais. Com exceção do Estado do Pará e uma cidade de Tocantins, nenhum dos demais Estados da Região apresentava, em 1991, outras cidades que não as capitais com mais de 100 mil habitantes. Tomando-se como exemplo o Amazonas, a cidade de Manaus concentra quase a metade da população de todo o Estado.

Mais da metade da população amazônica reside nas cidades. Das 298 cidades existentes em 1991, 146 tinham até 5.000 habitantes, 137, entre 5.001 até 50.000, e apenas 15 cidades tinham mais de 50.000 habitantes. Por outro lado, nestas 15 cidades maiores mora mais da metade da população urbana da Região, mais precisamente, 56,1%. (MOURA, 1996: 214).

Dito isto desenvolvo este texto a partir de dois enfoques que se me parecem importantes:

1) As cidades amazônicas, pequenas ou grandes, são lugares privilegiados de reprodução das relações sociais e se constituem bases para a realização ampliada da intervenção direta do Estado na produção do espaço e na ligação de pontos que possibilitam a expansão de novas formas de relações de produção na região. No passado como no presente, este processo não tem ocorrido sem sobressaltos, representando uma espacialização essencial ao desenvolvimento do capital. Tal processo não se dá isento de conflitos, pois que imbricado de múltiplos agentes portadores de diferentes práticas sócio-espaciais, tornando as cidades amazônicas o lugar por excelência das lutas sociais;

2) Esta realidade compreende lugares e homens específicos, o que não quer dizer que este lugar e este homem sejam únicos, pois fazem parte de um amplo contexto. Suas especificidades decorrem do fato de os eventos que os atingem terem dinâmicas próprias, o que dificulta, senão impossibilita, estabelecer generalizações para uma área tão diferenciada como a Amazônia.

COMO COMPREENDER AS CIDADES AMAZÔNICAS?¹

Pode-se partir de dois questionamentos: 1) As metodologias utilizadas para investigar a cidade são aplicáveis à cidades amazônicas? Quais os seus limites? Quais as suas possibilidades? A questão central é fazer uma reflexão sobre a possibilidade de se entender a cidade na Amazônia; 2) As nossas práticas têm levado em conta que as relações sociais de produção na Amazônia têm sido produzidas e reproduzidas numa espacialidade concretizada e criada para possibilitar a expansão do capitalismo que tendência à fragmentação e homogeneização.

¹ Um texto mais completo sobre a questão do método foi publicado na *Revista da Universidade do Amazonas. Série Ciências Humanas* v.4, n. 1-2, p. 155-175 com o título: "Repensando o estudo das pequenas cidades amazônicas".

estabelecendo condições de controle para inserir a Região na escala global?

Para começar a responder tais questões é preciso compreender que existem várias Amazônias. Algumas não foram atingidas pela "modernização" e as dimensões de tempo e espaço são estabelecidas a partir de outras dinâmicas que não são os Grandes Projetos.

Às cidades dessa Amazônia chega-se pelo rio e delas é possível se contemplar uma paisagem cujo limite é o reencontro das paralelas no horizonte em que o céu e as águas parecem se abraçar, quer se olhe em direção ao Ocidente ou ao Oriente. Assim vista, a maioria destas cidades situadas às margens dos rios se constituem numa "pausa repousante da monótona sucessão de matas que cobrem as margens do rio Amazonas". (WAGLEY, 1988: 45).

Essas cidades amazônicas têm um padrão urbano característico: as ruas e caminhos terminam invariavelmente no porto. A rua da frente ou a rua primeira têm as melhores casas e as ruas de trás, casebres cobertos de palha. Essas cidades localizadas às margens dos grandes rios, parecem ter sido criadas para serem vistas de longe, pois de perto toda a dimensão de beleza que existia no primeiro olhar esvai-se no arruamento caótico, nas casas novas, mas com as fachadas desbotadas e precocemente envelhecidas. Talvez fosse melhor que delas só tivéssemos a primeira impressão.

Outras cidades da Amazônia são alcançadas por uma estrada esburacada, permitindo um passar que, se não é tão rápido, possibilita o ir e o vir. Depois de muito caminhar, não tanto pela distância percorrida, mas pelo tempo gasto, a monotonia de uma paisagem de floresta aparentemente uniforme é quebrada. Chega-se a cidade.

Nas cidades amazônicas, mais do que em qualquer lugar, a memória não se encontra no espaço social que se está construindo, mas nos seus construtores, pois cada fragmento do que se produz contém uma parte de quem o faz. É o processo do construir construindo-se, dando a dimensão do não acabado. Neste sentido, a cidade é o lugar do vivido, mas de um vivido espedaçado em que a memória não detém a ação do produzir o espaço, havendo no processo de criação da cidade a predominância do esquecimento e do desenraizamento.

AMAZÔNIA E A GLOBALIZAÇÃO: O PAPEL DAS CIDADES

Mas existem outras cidades na Amazônia cuja dinâmica sócio-espacial se diferencia pois que atingidas por eventos articulados à globalização que lhes impõem novos valores e dimensões.

A idéia básica a ser considerada é como essas cidades amazônicas enquanto lugares concretos se contrapõem à globalização. Parte-se do entendimento do lugar enquanto diferenciação e resistência à tendência homogeneizante colocada pelo global. Para balizar meus argumentos, retomo um princípio de Marx, de que a história sempre se desenvolve num quadro de antagonismo. Valho-me também do princípio da dialética enquanto pensamento da contradição, "uma afirmação é ultrapassada por sua negação, e esta, por sua vez, pela negação da negação, isto é, uma nova afirmação. Esse movimento é peculiar: cada momento de dialética e da história ao mesmo tempo ultrapassa o anterior e o conserva". (MATOS, 1993: 14). Neste sentido, o lugar é simultaneamente o global e a sua negação.

A noção de globalização está relacionada à internacionalização dos lugares, das coisas, das idéias e dos indivíduos. Conforme Robert Kurz,² há a globalização dos mercados e do dinheiro. Na verdade, o

² Especialmente nos livros *O colapso da modernização* e *O retorno do Potemkin*

mercado mundial já existe desde o século XVI, sendo que a economia de mercado cresceu sobretudo a partir do século XVIII com a consolidação dos Estados Nacionais. No século XIX até o pós-guerra, o mercado mundial era visto como o comércio externo. Para a maioria dos autores que trata da questão, foi a partir da década de 80 que o novo sistema se consolidou com uma rapidez impressionante para além das fronteiras nacionais, impulsionado pelos satélites, pela microeletrônica, pela nova tecnologia em comunicações e em transportes e pela queda dos custos energéticos.

Do ponto de vista da economia e sob a forma de mercado, o sistema de crédito se emancipou do controle dos bancos nacionais. No limite, pode-se especular em qualquer parte do mundo. A recente queda das bolsas de valores, é bem o exemplo disso. O mesmo vale para a produção. Por exemplo, uma mercadoria vendida no Brasil pode ter tecnologia japonesa, ser exportada da Cingapura, faturada num paraíso fiscal do Caribe e terá não mais o *Made In Japan*, mas *Parts made in Japan, Assembled in Malásia*. Não se trata mais de exportação ou importação de bens, mas de uma nova divisão territorial de trabalho.

A globalização é um processo em curso, é uma tendência à mundialização do espaço que tem se caracterizado por: transformação dos espaços nacionais em espaços econômicos internacionais, com a criação de um sistema financeiro internacional; aceleração da circulação para possibilitar a reprodução ampliada do capital; predomínio do neoliberalismo; e, finalmente, a condição primeira da materialidade das atividades no espaço, que é a dimensão da ciência, da técnica e da informação, estabelecendo a cientificização, a tecnicização e a informatização da paisagem, resultando no que Milton Santos denomina de meio científico-técnico e informacional.³

³. A discussão está presente em vários textos do autor especialmente em: *A urbanização brasileira*, p. 35-47; *Técnica, espaço e tempo*, p. 121-134; *A natureza do espaço*, p. 186-204.

Esse processo só foi possível graças ao avanço excepcional da técnica que possibilitou que todos os lugares, a despeito das inúmeras dificuldades sócio-culturais, fossem atingidos por certas dimensões da globalização. Mas o que se globalizou afinal? Há, sem dúvida, uma configuração geo econômica do mundo, podendo-se falar de uma globalização relacionada à esfera do capital, aí incluídas as redes e os fluxos, ou seguindo Milton Santos (1997) o sistema de objetos e o sistema de ações. Globalizou-se o capital e com ele todos os símbolos carregados pelo fenômeno da comunicação.

A extensão e a velocidade da circulação da informação, "informação instantânea", explicita a dimensão tecnológica da produção, ao mesmo tempo que possibilita a expansão dos signos, igualando todos os lugares numa única "aldeia global", como assegurou Marshall McLuhan. A dimensão global é a mídia, é o mercado e as organizações mundiais que se colocam como instituições multinacionais.

Há um processo contraditório e complementar da globalização que corresponde à multinacionalização e à fragmentação. Por que isso ocorre? Em primeiro lugar, a flexibilização do sistema capitalista no âmbito econômico também atingiu o campo político. Parte das instituições políticas da democracia ocidental como partidos, sindicatos, parlamentos, tendenciam ao esvaziamento, ao mesmo tempo que surgem novas formas de organização como o movimento dos sem terra no Brasil, a consolidação de movimentos sociais internacionais como Greenpeace, Anistia Internacional, Médicos sem fronteiras, etc.

Outro aspecto da globalização fragmentada se explicita sobretudo nos milhares de homens que são expulsos do mercado de trabalho e que colocam em cheque o sistema. O crescente desemprego diminui o poder de compra da sociedade. Quem comprará então a quantidade cada vez maior de mercadorias?

Do ponto de vista espacial, a globalização estabelece a concentração e centralização do poder. Ao final do século XX, o "mundo" são as megalópoles da América do Norte, a cidade de Tóquio, as metrópoles européias localizadas entre a planície do Pó e a bacia de Londres, englobando a região parisiense. Este "mundo" corresponde a 0,4% da superfície do globo e contém 5% da população mundial. Entretanto, é aí que se localizam as 500 maiores empresas financeiras e industriais do mundo, os governos e as instituições que determinam o destino do mundo, as grandes agências de informações que tratam, filtram e difundem os acontecimentos e onde são produzidas 90% das pesquisas e do conhecimento. (DOLLFUS, 1994: 34) O poder do mundo se exerce numa concentração geográfica dos poderes e é, no dizer de Oliver Dollfus, o Sistema-Mundo.

Entretanto, é preciso considerar que a articulação que tende à sociedade global é dinâmica, pois os lugares contêm especificidades e peculiaridades enquanto espaço vivido por todos, especificidades que muitas vezes escapam às determinações mais gerais da História, à medida que a história do lugar, "não é necessariamente o espelho da História de um país ou de uma sociedade. A história local não é nem pode ser uma história-reflexo, porque se fosse negaria a mediação em que se constitui a particularidade dos processos locais e imediatos e que não se repetem, nem podem se repetir, nos processos mais amplos que com mais facilidade poderíamos definir como propriamente históricos". (MARTINS, 1992: 12).

É nesse sentido que tem pertinência a discussão sobre a Amazônia, entendida como uma formação econômico-social produzida a partir da dinâmica do capitalismo e, portanto, sujeita a idas e vindas do sistema. Os impactos da globalização confundem-se com os processos de domínio da natureza, da expansão da fronteira, da implantação dos Grandes Projetos e também refletem ou dinamizam mudanças culturais, sendo tanto um território datado e situado da mesma maneira que é uma

idéia, uma fábula, uma utopia. Opõem-se, no plano internacional o intervencionismo, a desterritorialização e, no plano local, a reterritorialização. (SILVA, 1996).

Por que a reterritorialização ocorre? O contrário da globalização é o lugar, é o espaço vivido por todos. O homem não mora no mundo, ele mora num lugar. Este lugar pode escapar às tendências de homogeneização colocadas pela globalização, pois as forças que criam a globalização podem também criar o seu contrário. O lugar tem um tempo e um espaço que são muito menos global, pois preenches de significados. No lugar emerge a diferença e brota a luta e um lugar privilegiado dessas lutas são as cidades.

Mas quais as implicações da globalização da cidade no geral e não apenas na Amazônia. Pode-se considerar que a história do desenvolvimento do capitalismo é a história da urbanização da sociedade humana, da formação dos núcleos urbanos, da recriação de cidades, vilas, povoados, entrepostos, centros comerciais, financeiros, culturais e religiosos. Henri Lefebvre, já nos assegurou, que a cidade é o local privilegiado das relações sociais.

Lefebvre escreve sobre generalização do modo de vida urbano, da sociabilidade urbana, de padrões e valores culturais urbanos que invadem meios rurais, modos de vida agrários. É o predomínio da sociedade urbana, o que não significa o domínio da cidade na paisagem, mas a dissolução da sociedade agrária, contínua e crescentemente permeada pela urbanização, não no nível físico, mas no nível cultural, acentuando a urbanização como modo de vida. (LEFEBVRE, 1976: 63-71).

É preciso assinalar que esse processo de urbanização é desigual, contraditório e combinado. Existem os lugares que não foram atingidos pelos eventos e que comportam formas múltiplas e contraditórias, pois que não foram e não estão sendo influenciados pelo processo de

globalização. Mas o que predomina é o contrário, é a cidade enquanto o *locus* privilegiado da globalização.

As cidades do final do século XX são as grandes cidades as cidades globais assim nomeadas por Saskia Sassen (1988). São cidades criadas ou recriadas a partir da expansão do capitalismo por todas as partes do mundo. Nas cidades cruzam-se processos múltiplos em diferentes direções e gradações. Em geral é diversa, múltipla, ainda que predomine esta ou aquela característica. (IANNI, 1996: 70).

Talvez a principal característica da cidade da era da globalização seja a questão social que se explicitam numa dimensão espacial. Na paisagem da cidade estão presentes o narcotráfico, as manifestações de xenofobia, o racismo, além das carências diversas como de habitação, saúde e educação, tornados problemas sociais urbanos.

Na urbanização da Amazônia estão os não lugares da globalização, constituindo-se numa urbanização periférica que faz parte de um amplo processo de incorporação, sujeito à dominação do centro. Os motivos da incorporação são de ordem econômica (extração de recursos), sociais (função de 'válvula de escape'), e geo-estratégica (segurança nacional ou controle). Ou seja, quase sempre o processo de urbanização de uma área como a Amazônia ocorre de maneira exógena. Neste sentido cabe às cidades o papel de "central de operações". (COY, 1992).

Tal estratégia é explicitada na concepção geopolítica que as cidades da Amazônia tiveram durante o governo militar. Por exemplo quando se considerou a projeção geopolítica Pan-Amazônica baseada na circulação, visando à ligação viária da Amazônia brasileira através de uma rede de comunicação estabelecida a partir de três núcleos denominados de "áreas interiores de intercâmbio fronteiro", localizadas do lado brasileiro, em Boa Vista/RR, que seria o centro de um eixo rodoviário

ligando-se a Santa Helena, na Venezuela, e Georgetown, na Guiana; a fronteira do Alto Solimões que se ligaria via fluvial com o Peru e via rodoviária com a Colômbia; Porto Velho e Rio Branco seriam ligados com o Peru e Bolívia por via rodoviária, bem como com o restante do Brasil. (MEIRA MATTOS, 1980: 154 - 5).

Karel Kosik, na *Dialética do Concreto*, escreveu que o homem atual está sempre preocupado com o futuro e que o presente é apenas um meio. O futuro é o instante alienado antes da alienação. No limite, podemos dizer que a globalização não tem uma dimensão temporal, é a aniquilação dos tempos. Mas as cidades também podem tornar-se os lugares das possibilidades.

A CIDADE COMO DIMENSÃO DA RESISTÊNCIA

As cidades criadas recentemente na Amazônia, quase sempre o foram a partir da aplicação da política de "desenvolvimento" que produziu espaços e tempos diferentes dos até então vividos pelas populações amazônicas, os quais passaram a ser vistos com novos valores e novas funções. Espaços e tempos que foram produzidos através da atuação do Estado e da expansão do capital na Amazônia. Porém, dizer só isso não basta. O que se deve buscar é a explicitação de que cidade, de qual Estado e de qual Amazônia se está falando, para que a análise do processo de construção do espaço não se transforme numa abstração.

As cidades que tratamos neste texto são as criadas a partir de 1964 quando foi implementada a política desenvolvimentista para a Amazônia com aplicação de incentivos e isenção fiscais e o aporte de infra-estrutura especialmente com a construção de estradas. Não concordamos com os autores que sustentam a mudança do eixo de circulação do rio para a estrada, isso ocorreu em áreas específicas da

Amazônia e não de forma generalizada, no entanto, cidades surgiram a partir da construção de estradas.

O processo de produção do espaço dessas cidades ocorreu a partir da ação de vários sujeitos sociais e da relação entre eles e com a natureza. Completa-se (um processo em curso) com a atuação direta do Estado, num complexo e extenso sistema burocrático, criado e reformulado continuamente e que, nas últimas 03 décadas, possibilitou a produção da Amazônia como fronteira e como estagnação.

Este processo evidenciou que a relação homem natureza que passou a predominar na Amazônia teve e continua tendo como principal característica a tendência à degradação do homem e da natureza. É preciso superar posições simplistas tendentes ao ecológico naturalista, mas a verdade é que, a persistência do mito da produtividade ilimitada, apesar do vergonhoso fracasso de todas as iniciativas em grande escala para desenvolver a Região, constitui-se em um dos mais notáveis paradoxos do nosso tempo.

A cidade que se produziu e se está produzindo na Amazônia não é um objeto qualquer, tampouco um meio, mas o requisito da própria condição humana, num processo de produzir, produzindo-se, reproduzindo-se. O modo pelo qual foi e está sendo produzido o espaço nas cidades amazônicas depende das condições concretas dos meios de produção, como também da forma de manifestação da vida que determina de certa forma a sua natureza. Por isso, as cidades amazônicas, enquanto espaços produzidos, não podem ser reduzidas nem à natureza nem ao ambiente construído, mas às formas de controle que se adequam à produção dos meios materiais para a existência do homem, ampliando-se num processo geral de produção da sociedade.

É preciso reconhecer que se, de um lado, o processo de urbanização da Amazônia está assinalado pela exclusão, de outro ele

contém a possibilidade da inclusão, pois existem as especificidades decorrentes da história do lugar, da capacidade de resistência e da forma não igual de como as inovações atingem o lugar e de como as pessoas se relacionam com o novo. Todos estes aspectos, mediados pelos usos e costumes, determinam a forma de produção das cidades, que se constituem como *locus* privilegiado na articulação entre o lugar, o nacional e o global e portanto no lugar da resistência.

As intervenções numa cidade qualquer da Amazônia, deve buscar o entendimento do processo de produção do espaço num lugar específico da Amazônia e que esse processo não se encerra em si mesmo. (SANTOS, 1980: 15) Ou seja, a produção da cidade não se restringe ao econômico, mas à reprodução da vida, pois a cidade não depende apenas das relações de produção, mas abrange outras dimensões como a política, a cultura e o lazer. Então, a produção da cidade possui a dimensão da totalidade que abarca também o cotidiano.

A produção do espaço urbano na Amazônia se dá a partir de um processo conflituoso, onde as novas relações destroem e reconstróem as antigas relações, pois o novo não exclui o velho. Este processo coloca como tendência a produção de um espaço controlado e homogeneizado que, no entanto, não se concretiza em sua inteireza, à medida que o novo espaço não se produz excludentemente. Ele reproduz as diferenças e as resistências que não restauram as relações sociais anteriores, mas as recriam em outras dimensões.

Assim, o novo, completamente novo, não existe e são as brechas surgidas e no processo contraditório de produção do espaço que a população do lugar e os migrantes criam as condições de resistência, visando alcançar não apenas as transformações que se processam no e do espaço como também interferir de maneira que o direito à diferença e não as desigualdades lhes seja garantido.

Portanto, é preciso compreender a vida social que se desenrola nas cidades, buscando entender não apenas o possível, mas o impossível, não apenas o que é, mas principalmente o que poderia ser. O diagnóstico da realidade das cidades da Amazônia é de exclusão. Os dados arrolados por Luiz Antônio Pinto de Oliveira, nos dão esse quadro do entendimento da deterioração do espaço social das cidades.⁴

Porém, esse processo é dinâmico pois a produção das cidades se dá a partir de fatos reais postos pela vida concreta dos homens. Neste sentido, vislumbra-se a possibilidade de investigação das cidades amazônicas, estabelecendo uma hipótese, qual seja: a expansão da fronteira na Amazônia se dá a partir de um processo contraditório, baseado num tripé: a **destruição** das formas espaciais existentes, a criação das **resistências** e a **reconstrução** de formas e conteúdos espaciais dotados de novas dimensões e significados.⁵

A dimensão social desse processo é também uma dimensão espacial, sendo por isso concebida como uma prática sócio-espacial, tendo a cidade como o lugar da ação. A forma como a cidade está sendo produzida na Amazônia pode representar um instrumento de perda, mas também pode se constituir numa alternativa de resistência e libertação.

A resistência não é uma dádiva, pressupõe de um lado que as pessoas tenham condições de sobrevivência; de outro, que se

⁴. Os principais dados sobre a Amazônia - Indicadores de Assistência Médica: Número de leitos por 1.000 habitantes 2,3 contra 3,7 para a média nacional; Número de consultas médicas por hab/ano: 1,0 contra 2,1 da média nacional. Condições de saneamento: Domicílios com rede geral de água 69,8%; com rede coletora e fossa séptica 45,5%; com coleta de lixo 64,1%. Pessoas ocupadas com mais de 18 anos apenas 39% contribuem com a previdência social. Todos os índices da Região Norte são os mais precários das regiões brasileiras. "Perfil das condições de vida na Amazônia". Luiz Antônio Pinto de Oliveira, p. 189-198.

⁵. Essa argumentação é desenvolvida pelo autor na Tese de Doutorado: *Cidades na selva: urbanização das Amazonas*. Universidade de São Paulo, 1995.

contraponham ao que se lhes é imposto sem perder a capacidade de indignação e de revolta "não só contra as condições particulares da sociedade existente até então, mas contra a própria produção da vida vigente e contra a atividade total em que se baseia". (MARX & ENGELS, 1986: 57)

Dever-se-ia privilegiar o entendimento do espaço urbano, tendo como ponto de partida a paisagem urbana, para atingir o entendimento da reprodução espacial e de seu conteúdo. (CARLOS, 1987: 52). Na Amazônia quase sempre esta paisagem em si nada tem de excepcional. A perspectiva adotada é de que a paisagem urbana não se resume apenas ao aparente, ao construído, ela também contém história, sendo produto do trabalho.

A CIDADE ENQUANTO DIMENSÃO DO VIVIDO

Às vezes ao se estabelecer os diagnósticos para realização das ações, exclui-se o vivido, o que pode ser uma forma sutil de camuflar o que precede e o sucede. Neste sentido, a produção do urbano na Amazônia tem um componente importante que não pode ser desconsiderado enquanto configuração das cidades: a cultura.

A dificuldade de compreensão desse processo, e aí talvez esteja uma pista para um trabalho investigação na Amazônia, é que a cultura indígena é quase sempre considerada como manifestação da cultura popular fazendo parte de "uma manifestação cultural dominada, invadida, aniquilada pela cultura de massa e pela indústria cultural, invadida pelos valores dos dominantes (...) manipulada pela folclorização nacionalista, demagógica e exploradora, em suma como impotente face à dominação, arrastada pela potência destrutiva da alienação". (CHAUÍ, 1982: 63).

É necessário, entretanto, cautela quanto a considerar a cultura popular apenas na perspectiva da perda. No caso da cultura indígena, este aspecto parece relevante, pois apesar de sempre ter sido colocada como perdedora e não se querer aqui estabelecer parâmetros de empréstimo cultural, é possível identificar em algumas cidades amazônicas, sua influência.

O afastamento geográfico não impediu que as cidades amazônicas sofressem a influência de um contexto cultural mais amplo, pois os homens não produzem suas culturas isoladas de todas as outras. (OLIVEIRA, 1995) Em decorrência, nas cidades da Amazônia a tendência, em especial nos núcleos criados recentemente, é do enfraquecimento da influência de uma cultura local, pois o espaço urbano está sendo produzido não de forma isolada, mas a partir de um contexto maior, mesmo com certas especificidades resultantes da experiência dos que chegam e dos que estão que são sujeitos da criação.

Dever-se-ia tentar compreender as transformações do espaço amazônico, a partir daquilo que revela as pessoas, que são identificadas no processo que fragmentou o espaço, vendido aos pedaços, ao mesmo tempo que se deve retomar o passado por meio de coisas e sentimentos que mudaram ou se refizeram num outro patamar. É preciso compreender e considerar as pessoas como participantes ativos de um processo.

Esse processo de um lado tem uma grande carga de tragédia, do outro tem a capacidade de embalar novos sonhos e novas ilusões. No estudo das cidades amazônicas, índios, posseiros, peões, seringueiros, ribeirinhos, negros, mulheres, devem ser considerados como sujeitos e construtores do espaço, o que não significa deixar de reconhecer a sua condição de excluídos.

Portanto, paisagem é o resultado das relações sociais de produção e, principalmente, contém vida, sentimentos e emoções que se traduzem no dia a dia das pessoas. Tais relações são portadoras de profundidade e leveza, valendo a pena, por isso mesmo, compreendê-las. Essas relações fazem parte de um cotidiano que talvez seja malditamente enfadonho para as pessoas que moram nas grandes e pequenas cidades da Amazônia ou talvez nem exista, mas quem sabe não tenha lá seus encantos.

É preciso compreender que, num lugar como a Amazônia, a beleza não está apenas nas formas aparentes mas no estado d'alma e na condição de vida concretizada em cantigas, em versos, na singeleza de celebrar a festa para exprimir solidariedade, fraternidade e dissimular perdas. É preciso compreender a espacialidade que resulta das duras condições de vida, mas também da resistência, da força inquebrantável para a construção de uma nova vida.

Estas ações que se concretizam em espacialidades que quase sempre são desconsideradas, pois estão eivadas de coisas simples, transmutadas numa sensação de extrema obviedade pela freqüência do estar sempre por aí e porque quase sempre a nossa preocupação é com as carências e com as perdas, vendo as cidades como espaços inumanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto o que se quer (re)afirmar é que a cidade na Amazônia é também e principalmente o lugar das possibilidades. A cidade está para além da forma, pois que são lugares onde se esboça maneiras de ser e de viver sendo possibilidades concretas de um dado tempo e de uma dada sociedade.

A cidade na Amazônia deve ser vista como a possibilidade da retomada do sentido de um modo de vida urbana que transponha o da

resignação passiva. Nas diferentes espacialidades das cidades estão as possibilidades um tempo para os encontros que o ultrapasse, o encontro para a troca de coisas e estabeleça o encontro das relações, do resgate da atividade criadora das obras, da necessidade de informação, dos simbolismos e das atividades lúdicas. As cidades podem está as possibilidades de resgatar o sentido da cidade como obra do homem, que se aproxima de uma obra de arte.

José de Souza Martins, talvez nos apresente a melhor síntese para a compreensão de cidade na Amazônia, quando fala da resistência na América Latina.⁶ Ninguém deve chorar por nós, porque a Amazônia não é um funeral. A Amazônia é uma festa, mesmo quando estamos sepultando nossos mortos. Porque no silêncio dos funerais das vítimas dos que nos oprimem há também o cântico interior de nossas esperanças, anúncio e prefiguração da nossa festa coletiva e permanente”.

BIBLIOGRAFIA

- CARLOS, Ana Fani Alessandri - A (Re)produção do espaço urbano: o caso Cotia. Tese de doutorado. FFLCH/USP, 1987.
- CHAUÍ, Marilena - Cultura e democracia. 3.ed. São Paulo: Editora Moderna, 1982.
- CORRÊA, Roberto Lobato - "A organização urbana". In: Geografia do Brasil. Vol. 03 Região Norte. Rio de Janeiro: IBGE, 1989. p. 255-71.
- COY, Martin - "Pioneer front and urban development. Social and economic differentiation of pioneer towns in Northern Mato Grosso". Applied Geography and Development. Tübingen: Institute for Scientific Co-operation, n° 39, 1992.
- DOLLFUS, Oliver - "Geopolítica do Sistema-Mundo". In: SANTOS, Milton et alii. (org). Fim do século e globalização. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1994. p. 23-45.

⁶. José de Souza Martins. "Antropofagia e Barroco na Cultura Latino-Americana", p.16.

HÉBETTE, Jean - Que Amazônia foi construída nos últimos 25 anos?. "Seminário sobre a Amazônia: 25 anos do encontro pastoral de Santarém". CNBB - Regional Norte 1 e 2. Manaus de 09 a 13.09.1997

- IANNI, Octavio - A era do globalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- KOSIK, Karel - Dialética do concreto. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- LEFEBVRE, Henri - Espacio y política. Barcelona: Ediciones Peninsula, 1976.
- MARTINS, José de Souza - Subúrbio. São Paulo: Hucitec, 1992.
- - "Antropofagia e Barroco na Cultura Latino-Americana". In: A chegada do estrangeiro. São Paulo: Hucitec, 1993. 15-26.
- MARX, Karl & ENGELS Friedrich - A Ideologia alemã (I - Feuerbach). 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.
- MATOS, Olgária C F - A escola de Frankfurt: luzes e sombras do iluminismo. São Paulo: Moderna, 1993.
- MEIRA MATTOS, Carlos de - Uma geopolítica pan-amazônica. Brasília: INL, 1980.
- MOURA, Hélio A de - "Região Norte: tendências recentes do crescimento populacional". Cadernos de Estudos Sociais. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 12(2), 203-235. Jul./dez., 1996.
- OLIVEIRA, Adélia Engrácia de - "Ocupação Humana". In: Salati, Eneas et alii. Amazônia: desenvolvimento integração e ecologia. São Paulo: Brasiliense; Brasília: Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 1983. p. 144-327.
- OLIVEIRA, José Aldemir de - Cidades na selva: urbanização das amazonas. Tese de doutorado, USP, 1995.
- OLIVEIRA, Luiz Antônio Pinto de - "Perfil das condições de vida na Amazônia". Cadernos de Estudos Sociais. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 12(2), 181-201. Jul./dez., 1996.
- SANTOS, Milton - Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1980.
- - A urbanização brasileira. São Paulo: Hucitec, 1993.
- - Técnica, espaço e tempo. São Paulo: Hucitec, 1994.

*Este livro,
forma de p
realizados
durante o .
Relações ;
em Relaçã
e Geociênci
Tal evento
através do
em Relaçã
desta colet
Universidade*

— - A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção. 2. ed.
Hucitec, 1997.

SILVA, Marilene Corrêa da - Globalização e Amazônia. Manaus: UEA
Amazonas, 1996. (digitado)

WAGLEY, Charles - Uma comunidade amazônica: estudo do homem
ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988.

Este livro, é uma coletânea de textos, apresentados na forma de palestras, ou de trabalhos de pesquisa, realizados no período de outubro a dezembro de 1997, durante o Seminário Formação do Espaço Amazônico e Relações Fronteiriças, e do Curso de Especialização em Relações Fronteiriças do Centro de Ciências Sociais e Geociências da Universidade Federal de Roraima. Tal evento, contou com o financiamento da CAPES, através do Programa Formação de Recursos Humanos em Relações Internacionais, que propiciou a edição desta coletânea, a integração de vários profissionais e Universidades envolvidas.

ALVES, Cláudia Lima Esteves
Formação do espaço amazônico



000000704

90

BI